

CÂNDIDO, João

*militar; rev. Chibata.

João Cândido Felisberto nasceu em Encruzilhada do Sul (RS) no dia 24 de junho de 1880, filho dos ex escravos João Felisberto Cândido e Inácia Felisberto.

Ainda menor de idade, de acordo com seu depoimento, lutou na Revolução Federalista, em 1893, sob o comando do general Pinheiro Machado. Em seguida apresentou-se na Companhia de Artífices Militares e Menores Aprendizizes, no Arsenal de Guerra de Porto Alegre, com uma recomendação de atenção especial, escrita por um amigo da família, o capitão de fragata Alexandrino de Alencar, futuro ministro da Marinha. Desse modo, numa época em que a maioria dos aprendizes era recrutada pela polícia e em que eram admitidos menores de idade nas forças armadas, alistou-se na Marinha do Brasil em 1894. E em 10 de dezembro de 1895 ingressou como grumete no quartel de Villegagnon, no Rio de Janeiro. Entre a Escola de Aprendizizes no Rio Grande do Sul e a vida nos navios, aprendeu a ler, escrever, contar e a operar diversas técnicas de navegação.

Em 1909, como vinha acontecendo com muitos outros marinheiros desde o ano anterior, foi enviado pelo governo brasileiro à Grã-Bretanha para acompanhar o final da construção de navios de guerra naquele país. Na Inglaterra teria tomado conhecimento da revolta do encouraçado *Potemkin*, promovida em 1905 por marinheiros russos que reivindicavam melhores condições de trabalho.

O uso da chibata como castigo na Marinha brasileira havia sido abolido em 16 de novembro de 1889, pelo Decreto nº 3, um dos primeiros atos legais do regime republicano. Na prática, porém, aquela modalidade de punição continuou a ser aplicada, a critério dos oficiais. Assim, num contingente de 90% de negros e mulatos, centenas de marujos continuavam a sofrer castigos físicos, como no tempo da escravidão. Entre os marinheiros, insatisfeitos com os baixos soldos, com a má alimentação e, principalmente, com os degradantes castigos corporais, crescia o clima de tensão.

Ainda na Gran-Bretanha, e depois, ao retornar ao Brasil, os marinheiros que lá estiveram

para acompanhar a construção dos encouraçados *Minas Gerais* e *São Paulo*, iniciaram um movimento conspiratório com vistas a tomar uma atitude mais efetiva no sentido de acabar com a chibata na Marinha de Guerra. Formaram, nesse sentido, o Comitê Geral da Revolução, sob a liderança de João Cândido, que, elogiado pelos oficiais por bom comportamento e por suas habilidades como timoneiro, possuía bom trânsito entre marinheiros e oficiais.

Esgotadas as tentativas pacíficas e propositivas dos marinheiros, incluindo uma audiência de João Cândido no gabinete do presidente Nilo Peçanha (1909-1910), os marinheiros decidiram que iriam fazer um motim pelo fim do uso da chibata em 25 de novembro de 1910. Os acontecimentos se precipitaram quando, na semana da posse do marechal Hermes da Fonseca na presidência da República (15 de novembro de 1910), o marinheiro Marcelino Rodrigues de Meneses foi punido com 250 chibatadas, aplicadas na presença de toda a tripulação do encouraçado *Minas Gerais*, nau capitânia da Marinha de Guerra brasileira. O motim foi então antecipado de 25 para 22 de novembro.

No dia marcado, João Cândido – logo apelidado de *Almirante Negro* pela imprensa – deflagrou a rebelião, tendo sob seu comando quase 2.400 homens. Os rebeldes assumiram o comando do *Minas Gerais*. O comandante João Batista das Neves foi morto durante a luta, e os demais oficiais abandonaram o navio. As tripulações dos navios de guerra *São Paulo*, *Bahia* e *Deodoro* imediatamente aderiram ao levante. Assim, durante quatro dias, os quatro navios de guerra, sob o controle dos rebeldes, apontaram seus canhões para a capital federal. No ultimato enviado ao recém empossado presidente da República, os marinheiros ameaçaram grandes represálias caso a chibata não fosse extinta, e afirmaram: “Nós, marinheiros, cidadãos brasileiros e republicanos, não podemos mais suportar a escravidão na Marinha brasileira”.

A revolta terminou com o compromisso do governo federal de abolir o uso da chibata na Marinha e de conceder anistia aos rebelados. Contudo, apesar da aprovação da anistia pelo Senado no dia 25 de novembro, o presidente da República assinou um decreto, no dia 27 daquele mês, abrindo caminho para a expulsão da Marinha dos marinheiros envolvidos na

revolta, o que efetivamente passou a ocorrer. O clima de tensão cresceu novamente no seio da corporação.

Em dezembro de 1910 eclodiu um novo levante, dessa vez na ilha das Cobras. Decretado o estado de sítio, a revolta, que se estendera ao cruzador *Rio Grande do Sul*, foi duramente reprimida. João Cândido, apesar de haver assumido posição contrária a essa nova revolta, foi acusado de favorecimento aos amotinados, foi preso em 13 de dezembro, embora não existissem provas definidas da adesão dos antigos aos novos rebeldes, e foi expulso da Marinha. A maioria dos marinheiros que sobreviveram à repressão governamental foi forçada a embarcar num navio em direção ao Amazonas, para trabalhar na produção da borracha.

João Cândido, juntamente com aqueles poucos que não foram enviados para o Amazonas, foi aprisionado numa prisão subterrânea na ilha das Cobras, lá permanecendo por 18 meses. As condições extremamente insalubres das celas causaram a morte de quase todos os presos, saindo com vida João Avelino Lira e o próprio João Cândido. Após a prisão, foi em seguida internado no Hospital dos Alienados, como louco e indigente. Solto no final de 1912, foi absolvido das acusações. Seu advogado de defesa foi Evaristo de Moraes, contratado pela Ordem de Nossa Senhora do Rosário e dos Homens Pretos, que declinou o recebimento dos honorários que lhe eram devidos.

Afastado da Marinha, João Cândido passou a viver em condições extremamente precárias, trabalhando como estivador e descarregando peixes na praça XV de Novembro, no centro do Rio de Janeiro. Sua vida pessoal foi profundamente abalada pelo suicídio de sua segunda esposa, em 1928. Em 1930 foi novamente detido, acusado de subversão. Em 1933, atendendo a convite de Plínio Salgado, aderiu à Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento nacionalista de extrema-direita fundado por Salgado, chegando a ser o líder do núcleo integralista da Gamboa, no Rio de Janeiro. Discriminado e perseguido até ao fim da vida, sem nunca conseguir reingressar na Marinha, recolheu-se no município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense.

Em março de 1968, prestou um longo depoimento no Museu de Imagem do Som, no Rio de

Janeiro.

Faleceu de câncer no Rio de Janeiro em 1969, aos 89 anos de idade.

Em 1970, os compositores João Bosco e Aldir Blanc o homenagearam no samba *O mestre-sala dos mares*.

Em 22 de novembro de 2007, por ocasião da comemoração dos 97 anos da Revolta da Chibata, foi inaugurada uma estátua em sua homenagem nos jardins do Museu da República, antigo palácio do Catete, bombardeado durante a rebelião. Dois anos depois, a estátua foi transferida para a praça XV.

Em 24 de julho de 2008, foi anistiado *post-mortem*. A iniciativa, que partiu do Senado, foi aprovada pela Câmara dos Deputados em 13 de maio dia da Abolição da Escravatura no Brasil.

Foi casado com Marieta Cândido, com quem teve dois filhos, e com Maria Dolores, com quem teve cinco filhos. Após o falecimento da segunda esposa, teve quatro filhos com Ana do Nascimento.

Sergio Lamarão/Inoã Carvalho Urbinati

FONTES: ALMEIDA, S. *Modernização* (v. 23, p. 1-216, 147-170); CÂM. MUN. SÃO JOÃO DE MERITI. Disponível em: <http://camaradesaojoaodemeriti.rj.gov.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=218&Itemid=78>. Acesso em: 20/5/2010); FUND. PERSEU ABRAMO. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/conteudo/morre-zeelandia-candido-de-andrade>>. Acesso em: 20/5/2010); Integralismo no Sul. Disponível em: <http://www.integralismonosul.net/o_integralismo/historia/biografias_integralistas/joaoacandido.html>. Acesso em: 20/5/2010; Portal São Francisco. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/joao-candido/joao-candido.php>>. Acesso em: 20/5/2010; Rede Afrokut. Disponível em: <<http://negrosnegrascristaos.ning.com/group/marinheironegro>>. Acesso em:

20/5/2010; Revista Aventuras na História. Disponível em:
<<http://historia.abril.com.br/guerra/canhoes-chibata-433714.shtml>>. Acesso em:
23/5/2010; Uol Educação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/revolta-chibata.jhtm>>. Acesso em: 20/5/2010.